

## VOZES DA IMIGRAÇÃO PORTUGUESA: ENTRE O PAÍS E O LONGE

Maria Zilda Ferreira Cury\*  
Regina Antunes Meyerfeld\*

**RESUMO:** *Este ensaio objetiva discutir os desafios apresentados para a literatura contemporânea que se vê na contingência de representar as identidades migrantes de nosso tempo. Tal reflexão é feita a partir da análise crítica do romance Entre o país e o longe, de Maria Graciete Besse e Diogo Conde, cujo tema é a imigração portuguesa na França.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *multiculturalismo; imigração portuguesa; identidade; diferença*

O espaço literário da contemporaneidade tem sido atravessado por vozes migrantes, emblemáticas das identidades múltiplas que habitam o nosso mundo, constitutivamente apresentando-o como multicultural. Se o fenômeno da imigração não é novo, pelo contrário, nasceu com o homem e sua necessidade de deslocar-se à procura de novas terras, assistimos, nos dias atuais, a deslocamentos massivos de populações, premidas pelas condições adversas de sociedades que se globalizam, mas que, contraditoriamente, vêm acentuadas as suas diferenças e perversamente excluem das conquistas da atualidade contingentes expressivos de população. As contradições daí resultantes conferem ao nosso mundo uma fisionomia melancolicamente fraturada.

---

\* Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.  
\* Universidade de Bordeaux III.



A arte contemporânea não ficaria indiferente aos questionamentos próprios do nosso tempo, uma vez que é compelida a representar novos sujeitos cuja inserção tem sempre feição contraditória no contexto político-cultural. A literatura mundial, em que a temática da imigração tem se tornado insistentemente presente, se questiona, no seu próprio interior sobre o desafio de representar essas vozes tão diversas, com “sotaques” e fisionomias culturais tão variadas.

A reflexão sobre o imigrante incita-nos a encarar as faces dessa complexa realidade prismática. Ser marcado pela fragmentação, o imigrante vê-se na contingência de ter de estabelecer uma negociação constante de sua identidade, sempre deslocada, enunciada a partir de um entre-lugar discursivo: entre-espço contraditório, margem, fronteira movediça, nem o mesmo nem o outro.

Armando Silva conceitua território como um limiar a partir do qual se instituem parâmetros de reconhecimento mútuo, um espaço de enraizamento. Nessa concepção de espaço e território, o imigrante adquire a feição do invasor, aquele que “pisa as bordas de outro espaço”, aquele que se repudia:

O uso social marca as margens dentro das quais os usuários “familiarizados” se auto-reconhecem e fora das quais se localiza o estrangeiro, ou em outras palavras, aquele que não pertence ao território. (...) Cumpre dizer que em nosso vocabulário o território “territorializa-se” na medida em que estreita os seus limites e não permite (sobretudo exclui) a presença estrangeira.(SILVA. 2001:19)

Qual é o lugar do imigrante? A partir de onde constrói sua identidade?

(...) o imigrante é atopus, sem lugar, deslocado, inclassificável.  
(...) Nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro, o “imigrante” situa-

se nesse lugar “bastardo” de que Platão também fala, a fronteira entre o ser e o não-ser social. (BOURDIEU. In: SAYAD. 1998:11)

A atopia do imigrante – expressão de sua condição de não-lugar tanto na sociedade receptora, como, depois, também na sociedade de origem – obriga a repensar profundamente a questão dos fundamentos da cidadania e da relação entre o Estado e a nacionalidade e as representações possíveis desse sujeito desterritorializado.

As conceituações que marcam esses novos contextos mundiais, então, colocam o imigrante – mas também o sem teto, o “sem documento” – no centro das reflexões, uma vez que vêm no papel das assim chamadas minorias uma possibilidade de contestação da abordagem historicista, linear da nação, fazendo-a escapar do constrangimento territorial e da estereotipia da identidade única e homogênea<sup>1</sup>.

Desde o título, o romance *Entre o País e o Longe*, de Maria Graciete Besse e Diogo Conde (CONDE e BESSE. 1995<sup>2</sup>), afirma a dimensão espacial como referência importante de sua construção ficcional. Sua escolha narrativa se apóia em um conjunto de vozes, que se alternam e persistem como rumores misturados: a da primeira geração de imigrantes portugueses instalados na França; a segunda geração – os filhos desses imigrantes, os trânsfugas que renegam suas origens e a voz daqueles que ficaram na sua vila portuguesa, muitas vezes no campo, sem emigrar. O título escolhido para o romance já diz da oscilação entre mundos, mas faz deslizar sua significação para a inquietude de vozes migrantes: deslocadas, desterritorializadas, mediadas no texto pela voz do narrador, que faz com que se revezem, com essa mediação, pontos de vista dos dife-

---

<sup>1</sup> *A single or static national identity never existed: the very fluidity of the concept made it open to pushes and pulls from below and above.*(LESSER.. 1999:3)

<sup>2</sup> Todas as citações do romance são feitas a partir desta edição e aparecerão no corpo do trabalho somente com a referência ao número da página.

rentes personagens. É interessante registrar como os próprios autores se inserem nessa situação discursiva, quando a antecipam para o leitor numa pequena explicação que antecede o texto propriamente dito:

Esta narrativa surgiu de um cruzamento de vozes que tocaram a vibração do exílio e convergiram, pouco a pouco, na criação conjunta de um espaço alimentado pela sensibilidade de cada um dos autores.(p.3)

A voz autoral perpassa, pois, misturada às vozes dos vários personagens e principalmente à voz do narrador, todo o relato, planejando, como um rumor, no espaço do romance, fazendo ecoar “a vibração do exílio”, numa dicção peculiar, também ela exilada, fragmentária. A epígrafe escolhida para abrir o romance, tirada a poema de Manuel Alegre, é metáfora a estruturar a narrativa, apontando para a mesma direção, retrabalhando a idéia de fronteira, de limite e de margem, de entrelugar. A voz de um sujeito poético, então, é chamada para criar a atmosfera do texto que virá em seguida: Uma fronteira é um rio entre um país e o longe./Eu já passei fronteiras que ficavam/entre guitarra e noite. Entre ternura/e mágoa.

A temática da imigração adquire sentidos migrantes, sem repouso, com várias conotações no romance. Se é a passagem de um país a outro, é ela, além disso, símbolo do desejo de ascensão social (*No fundo, o que desejava era que a família continuasse a emigrar socialmente.* p.36), da inquietude humana, do desassossego do homem frente seu destino, do desejo que só existe enquanto impulso e que só se sacia na busca: *A promessa de nunca parar no meio do caminho. A vontade de emigrar, de avançar sempre até mais longe, de não parar nas bermas do destino com a satisfação mesquinha de ter conseguido um carro ou uma casa.*(pp.35-36).

O romance faz-se, igualmente, espaço de convivência de vozes da história e da sociologia. A expatriação dos portugueses vindos de sociedades rurais para a França ou para outros países de Europa e

mesmo para além do oceano, para o Brasil ou para os Estados- Unidos, está estreitamente ligada a um fenómeno histórico estrutural (Cf. SERRÃO. 1982:119): a impossibilidade do sistema socioeconómico português de responder positivamente às necessidades do conjunto da população do país. Eduardo Lourenço evoca, nesse sentido, a origem da dispersão e do êxodo português como determinados pela pressão secular de uma indigência pátria a compensar, ou por uma vontade bandeirante de aceder à custa de outros a melhor vida.(LOURENÇO. 1992:13) No romance, os personagens se colocam nessa perspectiva:

Ainda se lembrava dos tempos difíceis nas aldeias, quando as pessoas eram obrigadas a partir para viver melhor. (p.26)

Nunca chegara a conhecer as razões que o levaram até àquela terra tão distante. O que se dizia era capaz de ser verdade: há portugueses espalhados pelas sete partes do mundo, sem medo de nada.(p. 64)

A imigração – e com ela a aculturação<sup>3</sup> e a integração – está no centro da ficção de *Entre o País e o Longe*, cujos personagens/ imigrantes se encontram confrontados com a sociedade francesa. São pessoas vindas do interior de Portugal, fugindo da miséria, e cujo sistema antropológico tem como centro a família. Ancoradas na vida do lugarejo português de origem, caracteristicamente são impelidas a manter, na terra de chegada, várias tradições como os valores da autoridade patriarcal no seio da família, a forte impregnação católica, ou, ainda, um certo anti-intelectualismo que acompanha a aceitação da condição de operário.

---

<sup>3</sup> *Acculturation : l'adoption progressive de comportements et des normes empruntés à la culture du pays d'accueil, pertes et emprunts étant bien évidemment liés. Pour la sociologue Dominique Schnapper, cette acculturation se fait progressivement En plusieurs générations, en commençant par les pratiques sociales et publiques et en se poursuivant par les comportements familiaux et privés.*( OBIN e OBIN-COULON. 1999: 14).

Stuart Hall, falando sobre a tradução cultural, postula que

Este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. (...) Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. (...) Elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, por que elas são irrevogavelmente, o produto de várias histórias interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo a várias "casas". (...) As pessoas pertencentes a essas culturas híbridas (...) estão irrevogavelmente traduzidas. (HALL, 1999:88-89)

Essa "grande família portuguesa", deslocada em um espaço geográfico muito diferente, é representada no romance pela família das Rolas. Manuel das Rolas deixou, sozinho, sua vila para se juntar a operários nos canteiros de obras da França. Condições satisfatórias de instalação vão permitir a vinda de sua mulher, Lucília, e do pequeno filho, Miguel. Uma segunda filha, Alice, nascerá na França. Mais tarde, Toni, sobrinho de Manuel, se juntará a eles. O sobrinho era filho de Sebastião das Rolas, que partira para o Brasil para tentar a vida noutras latitudes (p.75).

Essas mulheres e homens assim deslocados, "desterritorializados", contribuem com seu trabalho para a riqueza do país que os acolhe, sem que essa riqueza pudesse lhes pertencer. Vivem uma identidade vacilante, mutante, pois conhecem a situação paradoxal e conflituosa, tumultuosa e confusa, dos imigrantes, sempre divididos entre o aqui e o lá: *O que ficou agarrado a eles, desde sempre, foi o peso das superstições, dos preconceitos, dos medos mal dissimilados sob o verniz citadino, transformando-os pouco a pouco em seres híbridos, definitivamente partilhados entre o cá e o lá.* (p.62)

As divisões, todas metáforas deste lugar paradoxal que de início se coloca com a imigração, se multiplicam no romance, testemunhando alianças e conflitos passados no interior da família portuguesa. Por exemplo, um dito popular revela a visão de mundo, rude e tradicional de Manuel das Rolas, notadamente a respeito das mulheres: Mulher pintada, mulher desvairada (pp.24-25), diz ele à esposa. Mas Lucília, que quer experimentar um novo cosmético francês, proposto pela filha para atenuar as marcas de fadiga do rosto, responde: Raio de homem! Lembra-te de que não estamos lá na terra! (p.25) O aqui e o lá, confrontados, carregados de diferenças masculinas e femininas, indicam que o texto é espaço para mais outros tipos de negociação identitária.

Lá fora canta o galo, aqui manda a galinha (p.125) revela a escolha pessoal e discreta de Lucília, inscrita na parece da cozinha, na casa de Portugal. Entre lá fora e aqui, o espaço de cada um, marido e mulher, encontra-se bem definido. O verbo mandar confirma a autoridade feminina enquanto o verbo cantar conota o lirismo da atividade masculina, numa aparente troca de papéis. Por sua vez, o episódio recupera a observação do historiador e antropólogo Emmanuel Todd reconhece na sociedade camponesa portuguesa do norte uma *nuance matriarcale assez nette, un rôle dominant des femmes, caractéristique de l'ensemble des cultures régionales portugaises*. (TODD.1994:387). Mas, ressalte-se, o espaço do mando feminino é o lar, ou, antes, a cozinha, como uma forma de resistência, ainda que restrita ao espaço doméstico, socialmente menos valorizado.

Ainda na esfera da posição da mulher, duplamente marginalizada – como mulher e como imigrante – ganha importância a figura de Alice. Uma atenção particular tem de ser dada a dois signos-objetos, muito caros a ela, que, no romance ilustram a aculturação desse personagem: o “lenço de seda” (margem) e o *walkman* (fronteira).

Para ela, a França é seu “país de maravilhas” e seu *foulard* é delas um exemplo acabado. Ela o traz cobrindo os cabelos, assim que entra no metrô com a mãe para dirigir-se ao local de trabalho ...encontro marcado com outras mulheres que faziam limpeza até esgotarem a umidade do corpo.(p.23) Alice se sente protegida apenas pelo lenço que lhe soprava nos ouvidos um rumor de vida perfeita.(p.26) A vida ideal é aquela do quarteirão onde comprou o adereço, a um preço excessivamente elevado para ela: a *Rive Gauche* parisiense, lugar da alta elegância e do refinamento, margem do sonho e margem da espera. O desejo da jovem é se afastar, o mais possível, do universo das mulheres portuguesas, aquele das mulheres patúscas vestidas de qualquer maneira (p.24). Desde a época da escola, que acabou por abandonar, Alice compreendeu certas diferenças: os professores não falavam da mesma forma a todos os alunos. Havia os bem vestidos e os outros... Não queria que a tomassem por uma portuguesa.(p.24). O lenço simboliza o elemento concreto da conquista do outro, da conquista de uma identidade francesa que ela almeja assumir, funcionando como um “objeto transicional” (Cf. WINNICOTT. 1975), digamos assim, entre sua realidade de imigrante e o contexto francês, inacessível. O lenço não tem um valor em si mesmo, mas como elemento de ligação com o mundo exterior, com o verdadeiro objeto de desejo identitário da jovem. Alice recusa o mundo dos imigrantes, apesar das constantes censuras que lhe são endereçados: *És igual à gente* (p.80), lhe diz uma colega de trabalho, faxineira como ela. O lenço é um frágil objeto de ligação, feito de seda e de frágil leviandade. O “foulard” não cumpriu sua finalidade, termina por cair num balde com produto de limpeza e torna-se um trapo. Rasgado, metaforiza o conceito de margem, dividida e frágil, mas simultaneamente dolorosa, bastante concreta e intransponível entre os dois mundos. No entanto, apesar deste baque, Alice continua sua trajetória de desancoragem do mundo imigrante português. Os comentários do narrador, pontuando o momento de retorno anual ao país de origem, concretizam para o leitor

o sentimento da moça: *Mas os filhos, se calhar, já são mais franceses que portugueses, não querem cá pôr os pés...* (p.125) *Alice não os queria acompanhar sempre com aquela conversa de se querer assumir sozinha, de experimentar uma vida independente como faziam as francesas...*(p.92). Uma outra marca do isolamento de Alice se confirma com seu aparelho eletrônico. O volume máximo do som de uma música de rock a ajuda a suportar o trabalho. Armada de *walkman* e espanador, (p.28) explica o texto para ilustrar a espécie de coreografia desempenhada pela moça entre as mulheres imigrantes, colméia disciplinada (p.28), todas uniformizadas com uma blusa branca, código de anonimato imposto a mulheres prestadoras de serviços rebaixados, estrangeiras e pobres. Mas antes de endossar, esse uniforme neutraliza e apaga as diferenças entre elas. A vestimenta sob o uniforme, no entanto, esconde elementos de resistência: africanas, espanholas, árabes, portuguesas...algumas usavam turbante e enrolavam o corpo em tecidos vindos de terras distantes, outras traziam camisolas vistosas que punham manchas de sol no espaço metálico dos elevadores transparentes que as distribuíam pelos andares (p.27). Alice prosseguia com seu trabalho e olha o reflexo de seu corpo no vidro da janela. Quando tira a bata branca (p.29), acha-se bonita e, nesse momento, tudo lhe parece possível, mesmo se a vida lhe ofereça somente a sorte das mulheres imigrantes, condenadas aos mesmos gestos (p.29).

Outras formas de negociação conflituosa são construídas no texto. Por exemplo, o destino profissional de Miguel enquadra-se quase num esquema de exceção para um jovem imigrante. Segundo a socióloga Maria-Engrácia Leandro: *la majorité des jeunes Portugais, bien que scolarisés, ce qui n'était pas toujours le cas de leurs parents, restent peu nombreux à suivre des études supérieures longues.* (LEANDRO.1995:60) Um capítulo do livro foi consagrado ao pesadelo de Miguel, que carrega consigo o sentimento de ser um desertor de suas origens familiares. No pesadelo, estão os anões saídos de um

quadro de Bosch; a autoridade de um bispo; um túnel sem fim e um tribunal que o julga culpado.

-Levante-se o réu e identifique-se!

-O meu nome é Miguel Vale. Quanto ao resto, ando à procura de quem sou. (p. 20)

Do diálogo, emerge uma identidade: Miguel Vale. Ela é transparente, simples de exprimir diante do tribunal. Ele não se chama mais Das Rolas, não herdou este sobrenome de origem rural. As rolas, nome bucólico, aéreo, se insere semanticamente na idéia do movimento, da mutação, mesmo quando lido como verbo rolar. Mas Vale permite também uma dupla leitura: a de valor, ligada à força, à energia, à resistência; e o significado ligado a vale, geograficamente um espaço de depressão, geralmente cortado por um curso de água. A palavra *resto*, pronunciada por Miguel no sonho, é, de fato, "tudo", isto é, a busca de si mesmo, a busca vã de uma inexistente identidade sem rupturas ou contradições. O discurso onírico mimetiza o percurso intelectual do personagem: aquele ligado a sua aculturação, de onde vem a idéia de "valor"; e também o percurso afetivo, aquele que o mantém ligado às águas que correm no vale da zona rural portuguesa. O sentimento de culpabilidade está na origem de uma traição com relação à família portuguesa, ao Portugal de suas raízes. O pesadelo se passa na véspera do recebimento solene de seu diploma de engenheiro. Sua aculturação, depois de uma luta difícil nas margens da pobreza, foi recompensada. Conseguiu, finalmente, atravessar a fronteira. Para Miguel, a Sala dos Atos da Universidade simboliza o mesmo que a *rive gauche*, região das lojas de alta costura, para a irmã Alice. Para ele, o diploma é um símbolo de transição, passaporte que lhe facultará atravessar a fronteira entre o país e o longe. Vestido com um terno novo, não hesita ao caminhar sobre o tapete vermelho, pois, tem seu diploma de engenheiro no bolso. Mas, não pode evitar um sentimento de culpa.

O narrador, com o episódio, revelou as fontes condutoras do romance, que o leitor seguirá até a resolução desse sentimento de culpa. A busca de Miguel atravessa toda a diegese e estrutura o texto, abrindo espaço para outras intrigas adjacentes e subjacentes à trama narrativa através do fluxo abundante da palavra do imigrante. O texto revela-se alavanca de compreensão das marcas da diferença cultural que são, para Miguel, a família e a pátria, lugares de ancoragem identitária. Um desequilíbrio permanente se instaura e Miguel procura compreensão para seu desarranjo afetivo e para isso se torna necessária a recuperação da memória do passado, visitar Lisboa e o campo português, partes da espiral de suas buscas e sofrimentos. Seu contato com a terra portuguesa tem o objetivo de destruir um mundo imaginado, de fazer uma experiência do real, embora essa se revele decepcionante. Ele é “o estrangeiro absoluto”: um francês em Portugal e um português na França. *Via-se como um estrangeiro no seio da própria família. Quem era ele lá em casa? Quando passava a porta, deixava no exterior muito do que tinha aprendido.*(p.37)

Na França, a segunda geração privilegia a integração para a obtenção dos diplomas e para a europeização rápida dos costumes e das maneiras. Essa geração desconstrói a ordem estabelecida da comunidade portuguesa instalada no exterior e é ela, assim, que contribui a ligar, definitivamente, Portugal à Europa. Eis aí uma das questões abordadas pelo romance *Entre o País e o Longe*.

Miguel encontra-se atravessado por sentimentos complexos e contraditórios: uma espécie de ressentimento com relação à família julgada excessivamente portuguesa, mesclada a uma fascinação pela França. Depois de ter sentido vergonha pela cena do pai bêbado, estando acompanhado da amiga francesa, Miguel se interroga, solitário e desamparado: *A que mundo pertencia afinal?* (p.41) Através de seu imaginário, realimenta-se de força e energia que continuam a ser a marca do ausente Tio Sebastião e que o impulsionam a saltar todas as barreiras.(p.41)

A dor de Alice, pois, tem seu correspondente no desequilíbrio de Miguel. *Estou perdida de todo* (p. 29), conclui ela assim que, em pleno trabalho de limpeza, evade-se num sonho de amor por um distante príncipe feito de luz, um sonho que não tem margens ou limites, mas estranho no universo da limpeza doméstica.

Esses dois personagens, assim construídos, em desequilíbrio permanente, representam seres híbridos, múltiplos, no interior dos quais vários códigos se misturam: a herança portuguesa, atávica comparada às aquisições culturais da outra sociedade. A voz do narrador articula, vazados pelo olhar de Miguel, os elementos que assinalam o entre-lugar enunciativo do imigrante:

Precisava também de ir mais longe, de interrogar a sua relação com a pátria, de desenhar nitidamente os contornos da identidade. Para isso, tinha de voltar à terra, ir a Lisboa, tomar o peso do que diziam as pessoas, mergulhar fundo no caldo da cultura portuguesa que lhe estava a escapar perigosamente. Como escapava a quase todos os filhos de emigrantes que chegavam pequenos a França ou aí nasciam, que entravam na escola oficial, se defrontavam com outra cultura, aprendiam novas formas de conjurar os sentimentos e que, um dia, descobriam, com amargura, que já não eram portugueses, mas que também não se sentiam completamente franceses. (p. 40)

A primeira geração tinha vindo para a França para ocupar postos de operários, de trabalhadores manuais; ela privilegiou a integração por conformismo e caracterizou-se pela extrema descrição relativamente a sua identidade na sociedade de acolhida. Reagrupou-se, contudo, em associações, guardiãs das tradições, no coração dos subúrbios, longe dos centros históricos cheios de vida das cidades que os acolheram.

A descrição da vida francesa, feita por Manuel, quando retorna à terra natal, aos trabalhadores seus conterrâneos que o ajudaram

a construir sua casa portuguesa, reitera as facilidades encontradas no país rico, como a possibilidade para os portugueses de oferecer estudo aos filhos e de organizar festas: *Dá para um homem poupar e gozar a vida. Para os árabes é que é pior, alguns moram em roulottes, abandonados, sozinhos, sem mulheres, todos os exploram. Ainda por cima os franceses são racistas...*(p.126) Veja-se que mesmo encontrando-se entre os marginalizados na nova terra, percebe um mais marginalizado, isto é, os árabes, “o outro do outro”. Embora tentando passar uma visão favorável da vida na França, o discurso de Manuel apresenta pontos de suspensão/suspeição, bem marcados na palavra racistas, deixando perceber todo um comportamento xenófobo com relação a determinadas etnias e que, de certo modo, desconstrói o discurso positivo de acolhida.

A casa e sua construção, símbolo importante em todas as culturas, significando proteção, confundindo-se com a figura materna. (CF.CHEVALIER et al., 1991:196-197) É, como nos salienta Bachelard, “o nosso primeiro universo”, o seu interior, suas partes, os diversos estados da alma não importando os detalhes de riqueza ou de pobreza. Na percepção do filósofo, os cantos da casa, o sótão, o porão, as escadas que ligam os pavimentos, simbolizam diferentes estados do homem. Por isso, segundo ele, a casa natal está fisicamente inscrita em nós e é a ela que retornamos quando sonhamos ou quando nos empenhamos em redefinir o nosso eixo interior.

O passado, presente e futuro dão à casa dinamismos diferentes, dinamismos que freqüentemente intervêm, às vezes se opondo, às vezes estimulando-se um ao outro. A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “atirado ao mundo” (...) o homem é colocado no berço da casa. E sempre, em nossos devaneios, a casa é um grande berço.( BACHELARD. 1974:358)

Mas, como registra o estudioso francês, às noções de proteção, estabilidade e sossego ligadas à casa associam-se também os seus opostos, transformando-a num símbolo contraditório. Recuperada imageticamente em sonhos e lembranças, ficcionalmente reescrita pelas memórias, é a casa que abriga os nossos devaneios, mas também o inconsciente, nossos medos e contradições.

Para o imigrante, a casa adquire uma conotação suplementar. Poder construir, na terra de chegada, a casa para abrigar a família, é o sonho acalentado por gerações de imigrantes. O mesmo se passa com esta família portuguesa. Neste caso específico, há também a casa construída na terra de origem, símbolo para a primeira geração do sucesso da aventura imigratória. Para seus filhos, no entanto, a casa construída na “terra” adquire a conotação bem precisa de um mundo que se quer esquecer, mas que teima em voltar. Se as origens lusitanas vêm pelas vias do sonho e do inconsciente, a casa é a prova concreta da estranheza e mal-estar com relação ao solo natal. Veja-se o exemplo:

Aquela casa lá na terra, de que nunca gostou, aquela casa construída só durante o verão, impedindo-os de viver no presente, devia ter os alicerces para além do cimento e da pedra.  
(p. 36)

Quem casa quer casa, diz expressivamente um provérbio português, para exprimir que o casamento e o “teto” se acham intimamente ligados. *Para a cozinha, (Manuel) tinha escolhido um falatório cheio de evocações da juventude: Quem casa quer casa. Era uma frase escrita em letras arrebicadas num quadrado que tinham visto na feira.*(p. 125) O objetivo de Miguel se inscreve indelevelmente no projeto coletivo migratório português, tal como Maria Isabel Barreno o descreve no capítulo “A casinha portuguesa” como o sonho da construção de uma casa: *Uma casinha vazia o ano inteiro, só acendida nos agostos portugueses. Em França ainda mal alojados, muitas vezes, nas « lojas » de porteira ou noutros cubículos equivalentes.*

Mas “lâ-bas” uma casa, um palácio imaculado, um sonho. (BARRENO. 2000:60)

Manuel das Rolas, para garantir a não-ruptura com a terra natal, realiza seu sonho. Sua casa na aldeia portuguesa, *Nosso Repouso*, revestida de azulejos azuis e verdes, encarna seu sucesso. A casa atualiza seu retorno anual ao país, ele mesma cena de um movimento. Abrigo, lugar de partida e de chegada, é a garantia da ligação com a França: *as moradias dos emigrantes destacavam-se pelo estilo...revelando, desde a fachada, moléculas do espaço estrangeiro.* (p. 139)

A casinha portuguesa é também, então, um elemento da cultura francesa. Ela não tem fechaduras, ela não é ruptura, mas prolongamento, desdobramento, continuidade cultural.

Assim desfila a saga dos imigrantes portugueses na França, da chegada à *gare d'Austerlitz* (p.105) até o retorno à casa *Nosso Repouso*.

O capítulo 15 é consagrado à festa organizada pela Associação Portuguesa na França. Segundo Emmanuel Todd, as associações exprimem a coesão grupal dos imigrantes portugueses:

Le modèle d'adaptation portugais révèle un certain niveau d'autonomie, une dynamique propre de la culture d'origine. Certains auteurs ont d'ailleurs souligné la cohésion du groupe, s'exprimant par un réseau d'associations et entraide qui n'a pas l'équivalent chez les Algériens. (TODD. 1994: 390)

Entre os raros imigrantes do grupo que sabem ler e escrever, acha-se Acácio, que toma para si a tarefa de animar uma festa, organizada para os imigrantes portugueses para que esses possam colocar, *no cinzento do quotidiano, pequenas marcas de alegria.* (p.83) Foi desertor da armada colonial em Angola antes de emigrar para a França e acaba por desempenhar papel de conselheiro e de confidente junto à comunidade portuguesa que frequenta a Associação. Entre guitarras, fado, tremoços, rocks e coca cola, a festa que orga-

nizou se anima particularmente no momento da declamação de alguns versos do poeta português Manuel Alegre: *Minha pátria sem nada/ sem nada/ despejada nas ruas de Paris* (p.87). Essa escolha poética serve para compartilhar uma cultura coletiva e identitária com o público. Lembre-se, de passagem, que se trata do mesmo poeta anteriormente citado na epígrafe do romance, mais uma vez, mediando para o leitor a presença do autor empírico.

As atividades da Associação representam mais um prolongamento no exterior dos costumes portugueses: ir ao mercado todos os domingos e se reunir à volta do bacalhau e dos salpicões, chegados todas as semanas pela camioneta de carreira. A necessidade da comida étnica é, simbolicamente, a ligação do *Petit Portugal* francês com o *Grand Portugal Lusitanien*. Registre-se que esse modelo de agrupamento fez com que os imigrantes portugueses ficassem deixados de fora das organizações sindicais ou políticas francesas. São nas Associações que eles vão conservar seu modo de ser português.

Contraponto geográfico, mas igualmente social e cultural à terra de acolhida, a vila portuguesa, reencontrada periodicamente por ocasião das férias, parece algumas vezes se situar infinitamente distante da fronteira francesa. Retornar a ela gera desequilíbrios que afetam a sociedade da província portuguesa.

Em Portugal, as vilas mudam durante o verão. São invadidas pela modernidade: o movimento, a moda, a festa e mesmo a inflação entram na ordem do dia. O romance confirma: *Quando chegava o verão...um formigueiro denso alastrava-se pelas colinas...as festas multiplicavam-se...os preços aumentavam nas lojas...uma animação pouco comum colava-se ao dorso da terra*. (p.109). Essa passagem sublinha bem o caráter temporário e acessório de todos os acontecimentos do verão efêmero. No interior mesmo da vila assim transformada em espaço de acolhida temporária, a sociedade continua a se organizar compartimentadamente pelas diferenças entre os que partiram e os que ficaram.

Isabel Barreno (BARRENO.2000: 60) assinala a hostilidade que se manifesta contra os que voltam no mês de agosto e que são chamados pelos camponeses ironicamente *les champignys*, em referência aos trabalhadores portugueses imigrados, instalados, a partir de 1956, em Champigny, no subúrbio parisiense. No romance, o sapateiro da vila se faz porta-voz do movimento e do desequilíbrio constatados em torno. Aqui, o narrador parodia a figura do sapateiro de Trancoso, recuperando um elemento identitário português do século XVI. *A voz desse personagem, coxo e amarrado [que] contava muitas histórias e conhecia toda a gente* (p. 109), é também aquela do testemunho porque tende a preservar a memória da vila, uma vez que assiste à metamorfose da sociedade que desfila diante dele: *Maria da Ponte, outrora escura e desajeitada, agora toda importante, a sara-cotear-se pela aldeia, de cabelos pintados de louro e óculos escuros semelhante a certas atrizes que enchiam as páginas das revistas (...)*.(p.110)

Finalmente, o sapateiro evoca a história da imigração tal qual se encontra gravada na sua memória. O saber conferido pelo ofício exerce função fortemente simbólica: ele fornece sapatos aos que emigram para que possam partir melhor aparelhados, para mais longe. É um observador arguto e preciso de seu meio, uma espécie de sociólogo iletrado de sua terra, funcionando como uma voz reflexiva sobre este universo em mudança. O jovem sobrinho de Miguel, Toni, filho do ausente Sebastião das Rolas, exprime seu descontentamento por estar na França: *Não gosto da França !...Quero ir para longe, para a Austrália.*(p.130 ) Tudo isto vai ser registrado pelo olhar do imóvel sapateiro que, ainda que não tenha jamais deixado sua vila natal, vive, por procuração, as partidas e as viagens dos seus conterrâneos. Seu discurso em tom messiânico é premonitório da pós-modernidade portuguesa. *Ele observa a correria da miudagem que falava uma mistura de línguas como se a terra se tivesse transformado numa Babel...Já fui à América, já andei pelos Brasis e já*

*sofri muito nas auto-estradas da Europa. Qualquer dia vou até a Austrália, que é para onde esta gente agora quer partir.*(p.114)

Paralelamente à história dessa imigração portuguesa para a França, um outro tema é abordado no romance, trama que faz parte do grande discurso fundador de Portugal e de seu Imaginário: o Sebastianismo. O tio que vai para o Brasil, sintomaticamente chamado Sebastião, encarna essa dimensão imaginária e messiânica.

E à sua volta, pelas aldeias crescera uma lenda de coragem e de glória deslumbrante. Falava-se que tinha partido para o Brasil, depois de longas peripécias corridas em Lisboa, trabalhara numa fábrica no interior de São Paulo, enfiara-se pelos sertões, com um grupo de bandeirantes, em busca de riquezas desconhecidas.

Perderam-lhe o rastro. (p.15)

No texto, muitas facetas do Sebastianismo são colocadas em evidência pela via de termos como lenda, glória deslumbrante e sobretudo perderam-lhe o rastro. Tio Sebastião, tornou-se personagem quase virtual, que partiu da vila deixando para trás mulher e filho e vai acalentar o imaginário de seu sobrinho Miguel, entre esperança e fascinação : o vulto do tio Sebastião, como um gigante fumegando ao sol dos trópicos...tornara-se para ele o modelo absoluto(p.16).

Depois da partida de Sebastião das Rolas, a espera vai se instalar – uma espera semelhante àquela ancestral, mítica pela volta de Dom Sebastião, herói português desaparecido em Alcácer Quibir, em 1578. A volta do tio era esperada na sua vila, mas também na França, entre os parentes e amigos que imigraram. *Sabes que está para chegar o teu tio Sebastião? anuncia Lucília a Miguel. Também ele o aguardava, com a febre da surpresa, ou não fosse o Sebastião o seu herói preferido, esperado desde sempre. Sebastião, o Desejado.* (p. 46)

Assim, na linearidade da narrativa, se inscreve não somente a viagem do tio, mas também uma outra pluralidade de itinerários que confluem nos retornos ficcional e miticamente à vila portuguesa. O último capítulo é consagrado ao tio, na verdade retornado sem se dar a reconhecer, que, voltando de viagem, se dirige a Miguel. Encena-se aí, ironicamente, no retorno do tio pobre e fracassado, ainda que só sabido pelo leitor, a desmistificação do retorno do outro Sebastião, herói redentor.

Era um homem magro, com uma barba a devorar-lhe o rosto carcomido e cabelos todos brancos a taparem-lhe os ombros meio encolhidos numa camisola esburacada, já sem cor. Estava ali sentado, a aproveitar a sombra daquela árvore, e parecia não ter força nem razão alguma para se levantar. (p. 163)

A imagem do tio como gigante, como semideus, cuja volta foi tão ansiosamente esperada, se apaga; o herói se desmistifica, ainda que só no nível da leitura do romance.

Para Miguel, no entanto, o encontro com o desconhecido, no alto das colinas que circundam a vila, é uma espécie de resposta à questão que o atormenta desde o começo: *sou culpado ou inocente?* (p. 20) É um retorno da lucidez: *irradiação de uma harmonia, como o apelo ao recomeço* (p. 166) que lhe permitirá encontrar, enfim, sua harmonia, seu equilíbrio. É o tio Sebastião que, em sua companhia, fecha o romance. De resto, a narrativa também foi iniciada com a imagem do tio: *Era um camponês vivaz, de cabelo espesso e curto a sorrir na fotografia pálida que a tia dantes venerava em cima da mesinha de cabeceira.*(p. 15). A abertura se faz, significativamente, com uma fotografia envelhecida: retrato do relato de memórias, da voz imigrante. Através da velha foto, testemunha dos segredos e sombras de anos sem notícias, já se antecipa o registro fotográfico como memória, como metáfora da voz do imigrante, mediada pela distância temporal e geográfica. *Entre o país e o Longe* é, assim, narrativa construída, como o relato mítico, como um círculo, funda-

do sobre o personagem de tio Sebastião. O encontro de Miguel com o tio revela-se como o último ato de uma tensão que chega a seu epílogo, pois que se resolve no ritmo da mutação que se preparava. *Incêndio singular. Música a crescer na orla dos segredos. Entre a colina, a voz.* (p.167)

As referências ao passado brilhante e glorioso dos portugueses, sempre lembrado por suas viagens épicas, entre as quais se destaca a descoberta do Brasil, são inúmeras no romance, mediadas pelo olhar melancolicamente irônico do narrador.

Tio Sebastião “descobriu o Brasil” e era portador de uma história rica e sedutora no imaginário e de Miguel e de outros. Assim, se misturam, a recobrir o espaço brasileiro, não somente a representação de um espaço bucólico e idílico, uma terra a ser conquistada, mas também as referências estereotipadas da vida brasileira.

Como seria o seu cotidiano lá longe? Depois do futebol de praia, subia para o trem da Central, bebia cachaça e fazia promessas a Oxumaré. Outras vezes, seguia para a Lapa atrás de um preto que batucava um samba antigo numa caixa de fósforos... Era um homem do morro, coberto de suor e pulseiras de ouro, a apostar no jogo do bicho. (p. 55)

A dimensão continental do Brasil e seu espaço tropical são fonte fecunda para o imaginário europeu.

Deixando Portugal, o imigrante toma consciência de tudo o que o liga à terra de origem. Através das lembranças do passado, aquele Portugal da infância e da saudade torna-se ainda mais significativo, erigindo-se como mitologia pessoal, de cada um dos que emigraram. Fora dos momentos de desencantamento ou de desolação, Lucília gosta de tocar os velhos lençóis perfumados de lavanda, colocados no fundo da gaveta. Eles são portadores da memória da terra, inserida nas lembranças do passado português: *Tinha bordado alguns para cumprir o ritual de gerações de mulheres curvadas sobre a agulha, a construir a esperança, a inventar um amor maior*

que tudo, capaz de as afastar da família, de as levar para o fim do mundo.(p.106) Zé Preto, seu pai, lhe vem à memória trazendo com ele história de guerras coloniais portuguesas na África e de outros espaços também atravessados por contradições: *Foi em Luanda, em frente da estátua de Diogo Cão que decidi o rumo a tomar... não gostava de bater nos pretos como faziam muitos portugueses.*(p. 98) A narrativa é assim atravessada por outros movimentos, outras viagens.

Quanto a Manuel, ele também se lembra de sua ligação à terra de sua infância, passada no meio das vinhas: *Era o tempo das vindimas. Subiam os três por um caminho íngreme, carregados como mulas... O medo da privação, de ver os irmãos com fome e a mãe adecer à força do trabalho.*(p.123)

As forças telúricas do texto confirmam a ligação ancestral à terra natal, terra-mãe portuguesa, mesmo se ela forçou seus filhos e filhas a emigrar. *Um galo de Barcelos... um elefante de marfim... as bandeirinhas do futebol do Porto... um crucifixo benzido com água de Fátima...*(p.57) O vinho do Porto, o 25 de abril, o Dia de Camões são assim preservados na memória do passado português. Eles compõem, em mosaico, a cartografia identitária desses imigrantes. Entre todos esses ícones da tradição da identidade portuguesa transplantados para o subúrbio francês, reina uma Torre Eiffel de latão. A coabitação desses objetos organiza a sincronia da vida luso-francesa.

A imigração portuguesa representa um ciclo, um movimento permanente de partidas e de retornos. *Entre o País e o Longe* evoca esta idéia de não-reposo, de movimento contínuo.

E assim se cria um espaço narrativo que coloca em relação a memória da pátria portuguesa com a experiência da imigração. Tal "entre-lugar" é onde novas identidades se constroem.

Mas, na verdade, os autores, Graciete Besse e Diogo Conde, eles mesmos, são vozes portuguesas que se fundem no romance e trazem à narrativa do vivido, a experiência da imigração. Além disso, o leitor de *Entre o País e o Longe* aí reconhece o testemunho de

todos aqueles que carregam em si a dor de uma identidade fragmentada, entre partidas e retornos e o desafio de registrar ficcionalmente essas vozes.

A união de uma matéria ficcional cheia de lirismo a dados documentais e sociológicos faz deste texto um romance-retrato de seu tempo ao qual pode ser associada uma função social. Ele mereceria que sobre ele se lançasse um olhar cinematográfico: com efeito a força de sua linguagem, ao mesmo tempo poética e realista, suscita uma reflexão sobre o fenômeno universal da imigração, mas também da condição singular do estrangeiro que Julia Kristeva define nestes termos: *Le bonheur étrange de l'étranger est de maintenir cette éternité en fuite ou ce transitoire perpétuel.*(KRISTEVA. 1988:13.)

Este romance é, assim, o fruto de um sedutor ato de escritura que faz pensar que o mundo não pode viver em uma única margem e que deve encontrar seu sopro de vida na busca do outro, já que um mundo sem diversidade é morno e imóvel, aparentando-se à repetição.

Entre o país e o longe: enunciação propositadamente da margem, do "entre", propondo-se ao desafio da representação do imigrante português e de seu imaginário.

**RÉSUMÉ:** *L'essai a pour but discuter les défis présentés pour la littérature contemporaine qui veut représenter les identités migrants typiques de notre époque. La réflexion est faite parmi l'analyse critique du roman Entre o país e o longe, de Maria Graciete Besse et Diogo Conde, dont la tematique est l'immigration portugaise en France.*

**MOTS-CLÉ:** *l'immigration portugaise; multiculturalisme; identité/différence.*

## BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, G. (1974). A poética do espaço. Trad. Antônio da Costa Leal e Lúcia do Valle Santos Leal. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril.
- BESSE, M. G. e CONDE, D. (1995). *Entre o País e o Longe*. Lisboa: Escritor.
- BARRENO, M. I. (2000). *Um imaginário europeu*. Lisboa: Caminho.
- BOURDIEU, P. (1998). Prefácio. In: SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração: ou os paradoxos da alteridade*. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: EDUSP.
- CHEVALIER, J. et GEERBRANT, A. (1991). *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- HALL, S. (1997). A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A.
- KRISTEVA, J. (1988). *Etrangers à nous mêmes*. Paris: Fayard.
- LEANDRO, M. E. (1995). *Familles portugaises: projets et destins*. Paris: L'Harmattan.
- LESSER, J. (1999). *Negotiating National Identity: Immigrants, Minorities and the Struggle for Ethnicity in Brazil*. Durham and London: Duke University Press.
- LOURENÇO, E. (1992). *O Labirinto da saudade*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- OBIN, J. P. e OBIN-COULON, A. (1999). *Immigration et intégration*. Paris: Hachette Education.
- SERRÃO, J. (1982). *A Emigração portuguesa, sondagem histórica*. Lisboa: Livros Horizonte.
- SILVA, A. (2001). *Imaginários urbanos*. São Paulo: Perspectiva.
- TODD, E. (1994). *Le destin des immigrés*. Paris: Editions du Seuil.
- WINNICOTT, D.W. (1975). *O brincar & a realidade*. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago.